



PRIMEIRAS LEITURAS

Praza a Deus que a sã doutrina
Qua nesta escola, nos ensina.
A alma vos esclareça;
Que esta luz, tão pequenina,
Cresça, por graça divina,
Até que amfim resplandeça.

João de Deus.



Livraria Francisco Alves & C.

134, Rua do Ouvidor, 134 — Rio de Janeiro

Rua de S. Bento, 65 — S. Paulo

Rua da Bahia — Bello Horizonte

1908

A
6-9
34



00001461

23512

O. R.
C. N. de E.

PRIMEIRAS



LEITURAS

PELO PROFESSOR

Arnaldo de Oliveira Barreto

Inspector das escolas—modelo, annexas á Escola Normal de S. Paulo

Segunda Edição

REVISTA E MODIFICADA PELO AUTOR



Livraria Francisco Alves & C.

184, RUA DO OUVIDOR, 184 — Rio de Janeiro

RUA DE S. BENTO, 65 — S. Paulo

RUA DA BARRA — Belo Horizonte

1908

Biblioteca Nacional de Maestros

2597209

~~~~~  
TYP. ESPINDOLA & C.  
Rua Direita, 10-A-S. Paulo  
~~~~~

Como a mais justa homenagem ao
editor desinteressado e amigo leal,

Ill.^{mo} Sr. Nicolau Falcão,

que sempre teve franca a bolsa, ao tra-
tar-se da publicação de livros uteis e sãos
para o ensino da infancia brasileira,

O. D. C.

O autor.



NOSSA BANDEIRA

Patrio pendão sacrosanto
Da Família Brasileira!
Nossa adorada bandeira!
Tu que, no azul de teu manto,
Só tens por lemma o Cruzeiro
—Como o arco-iris da esp'rança,
Do amor, da paz, da bonança—
Em vez de um signal guerreiro;
Bemdito sejas sempre, ó glorioso e augusto
Pendão, que, puro, encerra
Tudo quanto ha de bello e grande e nobre
e justo
Sobre a face da terra!

VOTO

(JOÃO DE DEUS)

Praza a Deus que a sã doutrina,
Que, nesta escola, se ensina,
A alma vos esclareça ;
Que esta luz, tão pequenina,
Cresça, por graça divina,
Até que enfim resplandeça.

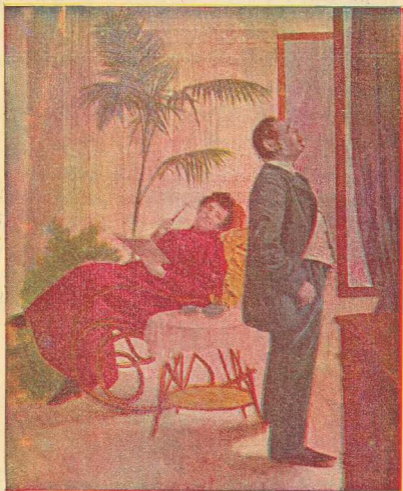
A alma, como o diamante,
Sendo polida é brilhante !
Em bruto, não luz, não brilha,
Não se distingue da terra,
Não descobre a luz que encerra,
Não mostra de quem é filha !



—BOM dia, tio Ricardo!

—Bom dia, tia Joanninha!

Tio Ricardo, de mãos no bolso, contempla



da janella o bello espectáculo da natureza em festa!

E que linda manhã faz!

A luz viva e alegre do sol invade a sala toda.

Faz lembrar uma poeira de ouro, que alguém jogasse ás mãos cheias para o ar, e que entrasse brilhante e perfumada pela janella aberta!

Uma faixa de luz illumina o busto e o cóllo de tia Joanninha, e estende-se por debaixo da sua cadeira de balanço, como si fosse um rico tapete, tecido de fios de ouro!

—Tio Ricardo! Ó tio Ricardo! O café está esfriando sobre a mesa!

Tio Ricardo nem se lembra do café!

Está maravilhado ante a belleza das nuvensitas, que, lá no alto do céo, se movem vagarosamente, como um rebanho de ovelhinhas côr-de-rosa a caminhar!



COM que cara zangada está o senhor Generoso! Porque será que o seu chapéu vai tão en-



terrado na cabeça — ou melhor que a sua cabeça vai enterrada até às orelhas no chapéu?

Não sabem? Pois foi um murro que o poz assim!

Foi este o caso: O senhor Generoso tinha sahido para dar o seu passeio matinal.

A manhã estava linda, linda, e os passari-nhos cantavam alegremente.

Escurece, porém de repente. Começa a çhuviscar. Em seguida ouve-se um grande trovão, cahindo logo depois um forte aguáceiro!

O senhor Generoso zanga-se sériamente, e, como não acha umas orelhas para puxar, foi o chapéo que pagou todas as culpas, com o murro que lhe deu!

Oh! homem, pois a chuva lá merece que a maldigam, ella que é tão benefica, e que tão bem faz aos animaes e aos vegetaes?!

Para que comprou então o guarda-chuva que traz na mão?

Comprou-o para resguardar-se do sol e da chuva, não é verdade?

Pois é abril-o, agora que está chovendo.

Mas, não; como a chuva cahiu sem o avisar, o senhor Generoso, que é todo zangadinho, leva de capricho conserval-o fechado!

Mas, quando entrar em casa, ha de estar molhado como um pinto que cae dentro de um balde cheio de agua!





Já que a mão da Natureza
Foi contigo tão gentil,
Dando-te, além de belleza,
A innocencia e graças mil,
Criança, por gratidão,
Faze que o teu coração
Em tudo a imite tambem !

Não produzas nunca a magua
Em teus paes, nem em ninguem !
Sê tão boa como é a agua
Como é o ar, como é a luz !
No carinho e na doçura
Tua alma, tão rosea e pura,
Se inspire na de Jesus !

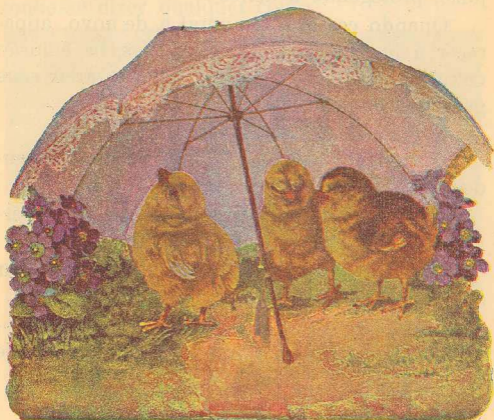
Tua boquinha mimosa
Traduza sempre a harmonia
Do orvalho aljofrando a rosa
Das aves saudando o dia !

Nunca, nunca ella profira
A áspera palavra feia
(Calumnia, intriga, mentira)
Que o bom coração odeia!

Que essa boquinha engraçada
E rubra como a romã,
Seja, emfim, uma alvorada,
De onde luza o pensamento,
Como luz, no firmamento,
A alva estrella da manhã!



ESTES tres pintainhos, logo que sentiram nas costas as primeiras gottas de chuva, correram a abrigar-se em baixo do guarda chuva de Margarida.



Tiveram muito juizinho, mais do que teve o senhor Generoso!

Si chuva não quebra ossos, produz, entretanto, defluxos, constipações, resfriamentos!

Dizem que, por falta de um cravo, que cahiu da ferradura do cavallo em que montava, certo rei perdeu o reino.

Pois, por uma constipação, pôde-se tambem perder a saúde para sempre!

Os pintainhos procederam, pois, com muito juizo, protegendo a delles !

Quando cessar o temporal, e, de novo, apparecer a luz doirada do Sol, elles lá sahirão enxutinhos pelo campo afóra, para catarem seus grãositos e bichinhos.

E que alegria então sentirão!

O senhor Generoso é que terá de arrepende-se talvez de seus caprichos !

Caprichos, só aproveitam os que nos aperfeiçoam a alma!

Capriche-se por ser bom! Capriche-se por ser honesto! Capriche-se por ser verdadeiro!

Caprichos desta ordem, sim, não nos prejudicam, e fazem-nos amados e respeitados de todos.



LENITA andava muito admirada de nunca ter ouvido ao Jupiter proferir uma palavra!

Um animal tão intelligente como elle era, tão bom, tão carinhoso, era impossivel que não soubesse dizer qualquer cousa!



—Tu não sabes falar Jupiter? resolveu perguntar-lhe um dia.

Jupiter, está claro, não respondeu com a bocca, mas seus olhos intelligentes pareciam dizer:

—Não, não sei falar como você, Lenita; mas sei como devo ser amigo fiel de todos quantos me tratam com amizade! Você, Margarida, Nenê, tio Ricardo, tia Joanninha, que me estimam, e me tratam com tanto carinho e bondade, podem exigir de mim tudo o que quizerem, que eu os obedecerei de todo o coração!

A's vezes, é certo que me zango, mas só o faço com aquelles que me procuram molestar! Nunca, porém, abuso da minha força!

Oncinha que, ahi está á porta, si falasse, poderia dizel-o; e ella me ameaça ás vezes com as afiadas unhas!

Mas, eu rósno apenas, fingindo-me zangado, e a gatinha, que é prudente, vai-se retirando, deixando-me em paz!

Não, não sei falar, Lenita; mas sinto que sou bom, e que, por isso, mereço que todos me estimem.

Lenita não entendeu talvez tudo o que lhe diziam os olhos de seu amigo, mas adivinhou que elles espelhavam uma alma generosa e leal.



MARGARIDA vai passear com o Jupiter.
Onde irão os dois amiguinhos?



Vão talvez ao pomar. Tio Ricardo e tia Joanninha já devem lá estar, cuidando das suas bellas arvores fructiferas.

Jupiter é o inseparavel companheiro de Margarida.

Tem por ella uma profunda amizade, cheia de gratidão e carinho.

E é natural que assim proceda.

Foi Margarida quem o criou desde pequenino, trazendo-o sempre ao cóllo, dando-lhe papinhas de leite, e fazendo-o dormir na caminha quente e macia da sua boneca de louça.

Jupiter cresceu, é agora quasi do tamanho de sua mãesinha adoptiva.

Mas, como no passado, vivem unidos pela mais terna e sincera amizade.

Margarida, desde pequena, foi tambem a mais carinhosa protectora do terra-nova.

Quem possui bom coração, já o mostra desde pequenino.

E' como certas florinhas, que, pelo perfume do botão, já revelam a sua boa qualidade.

AMIGOS

(ADAPTADA. M. DUARTE DE ALMEIDA)

Amigos? Pois quem duvida?
E unidos como dois gomos
Duma laranja partida;
Unidos como dois pomos
A que um só ramo deu vida;
Amigos, sim, qual dois braços
Do mesmo tronco sahidos,
Que se alteiam nos espaços,
Distantes, mas sempre unidos;
Amigos, como dois gritos
De dois corações afflictos
De duas almas laceradas;
Como dois threnos de um canto,
Ou duas gottas de pranto
Pela mesma dor choradas...



E' este o pomar de tio Ricardo!
Que rico e viçoso que é!
Um tanque, azul como um pedaço de céu,
separa-o em duas partes.



De um lado vicejam pecegueiros, laranjeiras, macieiras, cajueiros, bananeiras, e dezenas de outras arvores fructiferas.

De outro, estende-se o bello vinhedo, plantado em estacas!

Esse vinhedo é a paixão de tio Ricardo!

Vêde com que carinho elle contempla as suas bellas uvas!

Tia Joanninha vem chegando do outro lado do pomar, onde foi colher maçãs, laranjas, moranguinhos e peras.

Quem carrega o cesto das fructas é o Bentinho, o peraltissimo senhor Bentinho, filho do jardineiro. Não veem a carinha d'elle, ao lado esquerdo da tia Joanninha?

Tio Ricardo não quiz acompanhal-a. Preferiu ficar com a Margarida entre as suas videiras.

Mas, que sol quente! Margarida, não podendo supportar o calor de seus raios, abriu o guarda-chuva.

Si o senhor Generoso visse este pomar, nunca mais se revoltaria contra a chuva!

Foi a chuva, e o sol tambem, que o deixaram assim tão viçoso e productivo!

E o Jupiter? Onde se metteria elle, que não se o vê no pomar?

JUPITER, vendo que Margarida, ficando em companhia dos paes, estava bem protegida, voltára tranquillamente para casa!

Si a amiguinha precisasse de seu auxilio, era só gritar: Jupiter!—que elle accudiria em menos de um minuto.

Quanto a isso, ficou sem cuidados.

Chegando perto da escada, deitou-se

O sol estava de rachar! Uma somneca alli, á sombra dos pilares, não seria cousa de desprezar!

Jupiter resolveu pois, dormil-a.

Apoiou a nobre cabeça sobre as patas, e fechou preguiçosamente os olhos...

Poucos instantes depois ouviu dous canitos a ladrar furiosos...

Que seria? Levantou a cabeça para vêr do que se tratava...

Eram effectivamente dois cães a perseguir a pobre Oncinha!

Olhando então fixamente para aquella scena, Jupiter poz-se a rosnar indignado...

Oncinha, toda arripiada, corria afflicta, desatinada, saltando ora para um lado, ora para outro, sem nunca achar um abrigo que a livrasse de seus perseguidores!

Afinal teve uma feliz inspiração.

Avistando Jupiter, acolheu-se entre as suas largas patas, abandonando-se á sua forte protecção!



Os canitos estacaram de subito, mas ladrando sempre.

Jupiter fitou nelles o seu olhar leal e firme, como si quizesse dizer-lhes:

—Atrevam-se a maltratal-a agora, covardes!

BEMDITA a mão que protege
O ente mais fraco e mesquinho!
E a mão, que a Desgraça elege
Para a amparar com carinho!
Bemditas? Santas que são!
Pois que na sua grandeza
Ostentam toda a nobreza
Do mais gentil coração!



FORAM covardes, sim, meus caros amiguinhos, bem covardes aquelles dois canitos, perseguindo a pobre Oncinha!

Generoso foi o Jupiter, que não era capaz nunca de abusar da sua força contra um ser mais fraco do que elle!

Como tambem não seria capaz de aggreDIR a uma criança ou a um velho, como está fazendo este outro máo cão!

E que mal lhe poderia ter feito o pobre tio Matheus, tão bom sempre e tão trabalhador?

Nenhum, nenhum!



Ia passando distrahidamente para levar ao rio a roupa de seus netinhos, quando sentiu um peso exquisito a puxal-o para traz!

Era o Pery que se agarrára ao sacco da roupa suja, quasi a rasgal-o nos dentes.

Que pena não andar por alli o Jupiter!

Elle teria mostrado ao máo cão o caminho respeitoso do dever!

Mas, Pery teve o castigo que mereceu.

E' que os netinhos de tio Matheus, que ficaram em casa, distrahidos a brincar o jogo das pedrinhas, quando souberam o que havia acontecido ao seu querido avô, pediram ao dono do Pery que o deixasse sem comer durante um dia inteirinho!





A VELHICE

(IMITAÇÃO)

Quando, ao sumir no horisonte,
Chega o Sol ao termo seu,
Já fértil deixou a terra,
Já muito brilho lhe deu!

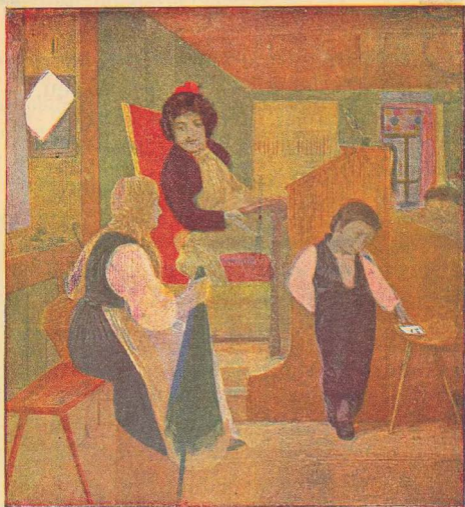
Quando, no mar azulado,
Vai um rio desaguar,
Já em todo o seu percurso
Fez muita vida brotar!

Assim é o velhinho honrado!
Lembra, nas rugas que tem,
Que, atraz de si, no Passado,
Só deixou o Amor e o Bem!

BENTINHO está de castigo!

Porque seria?

E' tão boa a mestra que, só por uma falta muito grave, o teria castigado!



—Conte-o a mim, Bentinho! Que é que você fez, meu filho?... Então, nem á sua mãe-

zinha quer dizer o motivo do seu castigo?...
Porque foi, senhora mestra?

—Porque é muito travesso! Parece uma borboletinha, que não está socegada um só instante!

—E' verdade, Bentinho?! Deve ser verdade, sim, porque a mestra não sabe inventar!... Ora, o meu filhinho a ser incommodo á senhora mestra, que é tão boa, e que é tão amiga das crianças!

Então, Bentinho, não me responde?

Nem assim elle responde. Encostadinho á mesa da professora, finge estudar, pondo um dedinho sobre o a-b-c!

Sua cara é a de um santinho!

E elle é mesmo um santinho... mas do páo ôco!



TÃO santinho que, logo ao chegar á casa, provocou uma ladainha de chôro!

Oh! príncipe dos travessos!

—Quem foi que atirou ao chão a criança que puxava o cavallinho de páo?

—Foi Bentinho!

—Quem foi que fez chorar a menina que está carregando o nenê?

—Foi Bentinho, por ter feito chorar a dona do cavallinho de páo!

—Quem foi que fez chorar o irmão mais velho?

—Foi ainda o Bentinho e sempre o Bentinho, porque fez berrar o nenê, que chora porque vê a irmã chorar, a qual, chorando, faz chorar também o irmão mais velho!

Oh! Este Bentinho não parece bento!

Mas, finalmente, porque chora também o rei de todos os peraltas conhecidos e desconhecidos?

Chora... chora... porque estima muito aos irmãos, e não os póde vêr chorar!



SIMÃO é muito curioso !

E' verdade que elle estava com muita sêde, mas syphão não é bebida propria para macacos !

E ainda fosse, como poderia elle abrir a complicada garrafa ?

E' o que Simão procura fazer, enfiando o dedo pela torneira !

Mas, tanto faz, tanto arranja, que a garrafa vai parar ao chão !



Felizmente não se partiu. E Simão, que escapou de tal susto, trata logo de montar sobre ella, como si fosse sobre um cavallinho !



Mas a garrafa rola,
e lá se vai o Simão de
costas ao chão.

Com certeza não lhe
doeu muito a queda, por-
que não se deu por ven-
cido, e trata agora de
dessejado liquido!



sorver pela torneira o



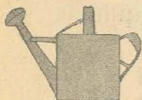
Mas, como não
sabe como se lida com
a exquisita garrafa, lá
lhe aperta sem querer
a valvula, e eis o que
succede ao teimoso...

O syphão esgui-
chou ruidoso e espu-
mejante pela sua cara, barriga, e peito, inun-
dando-o todo!

Pobre Simão! Tomou uma esplendida
ducha!



(PARA SER COPIADO)



PELA manhã, bem cedinho,
Quando o céu vai clarear,
O meu garboso gallinho,
Batendo as azas contente,
Desfere um canto estridente,
Que sôa bem longe no ar :

Ki-kiri... ki!

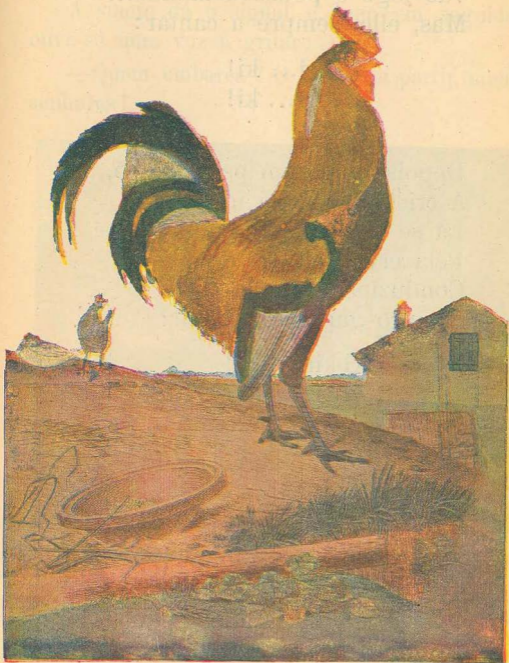
Ki-kiri... ki!

Si um gallo, longe ou visinho,
Tambem se põe a cantar,
De novo, alçando o biquinho,
Elle, rapido, ligeiro,
Fica de pé no poleiro
Para mais alto gritar:

Ki-kiri... ki!

Ki-kiri... ki!

Entretanto, de mansinho,
Pois que é preciso almoçar,
Perú, angola, franguinho,



Do alto poleiro saltando
Vão logo o pouso deixando...
Mas, elle, sempre a cantar:

Ki-kiri... ki!
Ki-kiri... ki!

Depois, como um pastorzinho,
A crista vermelha no ar,
Lá se vai o meu gallinho,
Pela erva toda orvalhada,
Conduzindo a gallinhada,
Sempro garboso a gritar:

Ki-kiri... ki!
Ki-kiri... ki!



—DELÉIN!... Deléin!... Deléin!...

A sineta dá o signal, e, logo em seguida, ouve-se uma voz a gritar:

—Quem embarca? O trem vai partir, meus senhores!



Todos os passageiros correm depressa a tomar os seus logares no vagão.

Bentinho deixa cair um dos sapatos, mas embarca assim mesmo.

Claudina e Carlito entregam os seus bilhetes e lá sóbem também.

—Prompto! prompto!

Janjão, que era chefe de estação, machinista, conferente e guarda-trem, apitou e fez a machina andar!

—Viva! viva! Bota mais força nesse trem!

—Não se póde! Vai muito carregado!

—Um desastre! Pára! pára, machinista!

A Ritoca, que ia viajar de terceira classe, porque não tinha coragem de subir até á travéssa mais alta da porteira, deixou escapar a mão, e lá se foi de barriga em terra!

Mas, o trem, que já ia atrazado, não parou, e foi-se embora, deixando a passageira a bater com as perninhas no ar!

Felizmente não se maguou!



AS CRIANCINHAS

(IMITAÇÃO)

Eu gosto das criancinhas
Risonhas, ternas, mimosas!
Fazem lembrar avezinhas
Que fossem feitas de rosas!

Que doce e grata emoção
Me palpita na alma, quando
As vejo, alegres, brincando
Com tanta satisfação!

Tudo é luz, tudo é fragrancia,
Sorrisos, beijos e flores,
No doirado céu da infancia!
Como é gentil a ignorancia
Do mundo e de suas dôres!

Bem haja o riso que enflora
Essa idade abençoada,
Essa quadra encantadora!
Bem haja o beijo da aurora
Que a torna tão perfumada!





BENTINHO, por peraltagem, tendo de trazer os cestos com as violetas que seu pai colhêra, em vez de puxar o carrinho, fez delle um cavallo, e lá o deixou rodar pela ladeira abaixo.

O que succedeu foi que uma das rodas bateu de encontro a uma pedra, e o Bentinho foi precipitado para a frente, indo cahir com a testa ao chão.

Não chorou, não; mas o sangue começou a correr pela sua face em um fiozito muito vermelho.

Lavou cuidadosamente o arranhão, e, para que sua mãezinha nada percebesse, cobriu com os cabellos o lugar ferido.

A' noute, ao deitar-se, quando sua mãe foi aconchegar-lhe os lençóes, e dar-lhe o costumado beijinho, é que notou o ferimento.

Comprehendendo a delicadeza do filho, apertou-o commovida de encontro ao coração, dizendo:

—Pobre do meu filhinho! Para não me incommodar, occultou-me as suas dôres!



POLIDEZ

(D. ZALINA ROLIM)

E' tão bonito ser polida!
 Polida eu quero ser!
 E, sendo assim, serei querida
 De quem me conhecer!

Quando desperto, bem cedinho,
 Logo estendendo a mão:
 —Bom dia, mamãe e papaizinho!
 Vós sois meu coração!

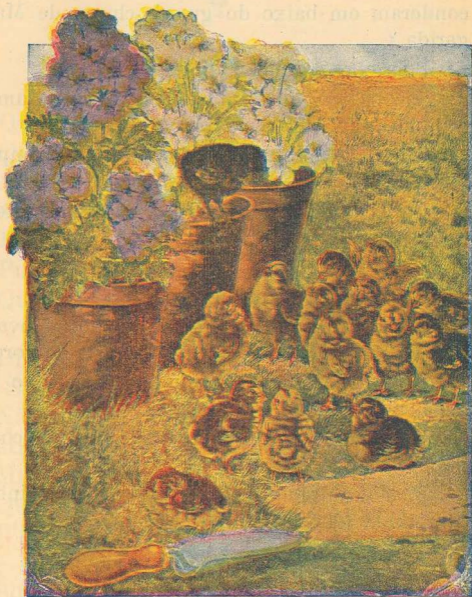
Si alguém por mim passando vejo,
 Sei logo repetir:
 —Bom dia! E a todos eu desejo
 O bom-dia a sorrir!

Quando a escola alguém visita,
 Também se diz:—Bom dia!
 Quem saudações esquece e evita,
 Não sabe a cortezia!

—Adeus!—eu digo ao ir-me embora;
 —Boa noute!—ao me deitar;
 Assim, eu sei a qualquer hora
 Meus amigos saudar!



Está reunida a ninhada toda!



Que bellos pintainhos!

Quantos serão ?

Um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete...

São quinze! Uma duzia e mais tres!

Lembram-se dos tres pintainhos que se esconderam em baixo do guarda-chuva de Margarida ?

Pois elles tambem ahi estão.

São os tres da frente, quasi perto do amarellinho, que está cochilando.

Olhem o pinto pretinho onde foi empo-leirar-se!

Desça dahi, pretinho! Não vá cahir e torcer o pescoço!

—Piu! piu! piu!

Olá! qual é o que está piando ?

Parece que são os amarellitos que levantam os biquinhos, lá, junto dos vasos de flores!

Estão querendo subir onde o pretinho se acha, mas não têm coragem!

Upa! seus medrosos! Si cahirem, do chão não passarão!

E si cahirem, o ferir-se algum dedinho, Margarida tem arnica para cural-o.



ADIVINHAÇÃO

Qual será o insectosinho,
Que, em baixo do nosso leito,
Alta noite, sem respeito
Ao nosso calmo somninho,
Trila assim : cri... cri... cri... cri ?...
Pula qual fosse um cabrito !
Quem é supersticioso,
Ao ouvir-lhe o agudo grito,
Diz, em tom sentencioso :
«São cobres que vêm ahi!»
Não direi que isto é verdade,
Mas, que é dura crueldade
Matal-o, ousou eu affirmar !
Queiram, pois, adivinhar !
P'ra ser mais facil, repito :
—E' insecto, cujo grito
Sôa assim : cri... cri... cri... cri...

I

PSIT! Silencio!

Oncinha, Malhado e Branquinho vão fazer uma caçada!



Estavam dormindo a sêsta, quando... ti-ti-ti-ti... chegou correndo um camondongo perto da vasilha de leite.

Ouvindo tropel, Oncinha abriu um olho para vêr quem era.

Ao avistar o camondongo, estremeceu, e empurrou de leve o Malhado.

Malhado acordou assustado, e, por sua vez, chamou Branquinho, dizendo-lhe baixo que não fizesse ruido...

Depois, levantaram a cabeça devagarinho, olhando para fóra do cesto...

O camondongo lá estava trepado á beira da vasilha, regalando-se com o leite!

II



Combinaram que, a um signal que Oncinha dêsse, saltarem todos tres, ao mesmo tempo, sobre o audacioso ratinho.

Oncinha, na linguagem de gato lá contou então baixinho:—Um... dous... tres... Upa!

Como uma flexa, os tres se atiraram do cesto. Malhado enroscou um pé na taquara, e deu um cambalhota.

Branquinho foi cahir dentro da vasilha, fazendo esguichar leite para todos os lados.

Sómente Oncinha cahiu de bom geito, mas já não alcançou o ratinho

Num abrir e fechar de olhos, elle havia trepado pelo cabo da vassoura!

III

Mas o cabo da vassoura não lhe offerecia seguro abrigo contra a sanha de seus inimigos.



Por isso, dando um perigoso salto, atirou-se justamente sobre a cama delles!

—Agora sim, pensou Malhado, elle está alli está na unha do gavião!

E os tres precipitaram-se para o lado do cesto!

IV

Oncinha, com a pressa, escorregou duas vezes e duas vezes ficou pendurada por um braço só.

Afinal, conseguiu subir onde já estavam os irmãos.

Para revolverem bem toda a cama, mergulharam então a cabeça nos pannos que a forravam, resolvidos a não deixar escapar a caça!

Procura que procura!

Mas, o esperto ratinho, achando uma passagem nas malhas do cesto, por ella se escapou!



Branquinho não achando cousa alguma, levantou a cabeça.

O mesmo fizeram Oncinha e Malhado.

—Você não achou o ratinho?

—Eu, não!

—Nem eu!

—Nem eu!

—E esta? Onde se esconderia elle? Vamos ficar de sentinella, que elle ha de apparecer!

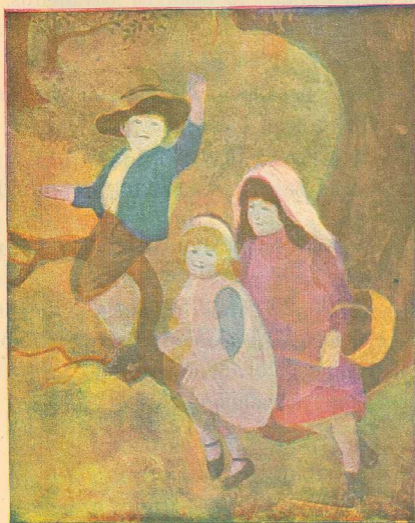
E os tres se puzeram de sentinella.

Mas, ficaram inteiramente logrados: o ratinho ia entrando nesse instante pela porta de sua casa!

Branquinho ainda lhe avistou o rabinho de fóra!



ZÉZINHO, Corina e Magdalena vão a caminho do mercado.



Para voltarem mais depressa com as compras, montaram no cavallinho, que era a raiz de uma grande figueira!

Upa! upa! cavallinho!

O cavallinho não sai do lugar... mas corre ligeiro como um veado!

Já teria atirado ao chão os cavalleiros, si elles não se agarrassem fortemente ao selim!

Upa! upa! cavallinho!

O esperto cavallinho vai para cima e para baixo, para baixo e para cima!

Zézinho firma-se bem nos estribos.

Magdalena segura com mais força a alça da cesta.

—Segure-se bem, Magdalena, sinão você fica no caminho!

Mas, como são bons cavalleiros, nenhum cahirá, e dentro de meia hora estarão de volta com as compras do almoço!

Upa! upa! cavallinho!





MEUS OITO ANNOS

(CASIMIRO DE ABREU)

Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infancia querida
que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
naquellas 'tardes fagueiras
á sombra das bananeiras,
debaixo dos laranjaes!

Que auroras, que sol, que vida,
que noites de melodia
naquella doce alegria,
naquelle ingenuo folgar!
o céu bordado de estrellas,
a terra de aromas cheia,
as ondas beijando a areia
e a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
oh! meu céu de primavera!
que doce a vida não era
nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
eu tinha, nessas delicias,
de minha mãe as caricias,
e beijos de minha irmã!

Naquelles tempos ditosos
ia colher as pitangas,
trepava a tirar as mangas,
brincava á beira do mar;
resava ás Ave-Marias,
achava o céu sempre lindo,
adormecia sorrindo,
e despertava a cantar!



O sr. Anselmo gosta muito de tomar a sua pitadinha de rapé!

E' um máo vicio, olá si é! Mas, que se lhe ha de fazer!

E' o seu chá, como elle diz; e, como o compra com o seu rico dinheirinho, o remedio é a gente vel-o fungar as pitadas; ouvir-lhe os espirros e... dizer:

—Deus o ajude, senhor Anselmo!

Aqui vai elle, a aspirar uma deliciosa pitada, mesmo na rua!

Para fazel-o mais á vontade, prende entre as pernas a bengala, enquanto com a mão esquerda segura a caixinha de tartaruga!





—Atchim! átchim!
átchim!

Por esta é que o sr. Anselmo não esperava!

O rapé fez-lhe umas cócegas desesperadas no nariz! Razão pela qual não

pôde conter tres formidaveis espirros, que lhe escaparam ruidosamente!

—Dóminus-técum! senhor Anselmo!

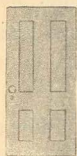
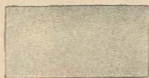
Mas, os espirros não foram nada!

O peor foi o desastre que soffreu o seu paletot!

Digam vocês o que lhe succedeu, agora que o sr. Anselmo está voltado de costas!



(PARA SER COPIADO)





Uvas, maçãs, peras, cerejas, laranjas...
Que saborosas fructas!
Todas, todas, foram colhidas no bello pomar
do tio Ricardo.
E não foram só essas!
Na estampa da pagina seguinte ainda se
vêm outras, de diversa qualidade.
Quem será capaz de dizer os seus nomes?
De todas essas fructas, qual será a mais
saborosa?

—Eu prefiro as maçãs.

—Eu prefiro as uvas.

Margarida diz que gosta muito de figos, mas prefere... todas!

Quem teria partido a laranja que está perto das avellãs?

Penso que foi tia Joanninha.

Vai repartil-a por todas as pessoas da casa: tio Ricardo, Margarida, Ernesto, Lenita; até o Nenê, que só vive com a mammadeira na bocca, talvez chupe um gomme!

Nenhum dos pedaços de laranja é maior do que outro! Todos são bem eguaesinhos!

Foi uma divisão, como só sabem fazel-a as boas mãezinhas!



ONDE ha caridade ha fartura! Em casa



de tia Joanninha todos comeram das fructas, e ainda sobraram fructas para repartir com as crianças pobres da vizinhança.

Ao Ernesto, filho da lavadeira, coube a metade de uma laranja. A outra metade elle tinha de dar á sua irmãzinha Carmen, por ordem de tia Joanninha.

Ernesto já a está descascando com as unhas!

—Ó Ernesto, você não tem um canivete?

Tem, sim, um canivete de duas folhas, que trocou por um pião.

Mas, Carmen está com muita vontade de comer o pedaço que lhe pertence, e Ernesto não quer fazel-a esperar.

Faz muito bem, Ernesto, os meninos devem ser sempre agradaveis aos seus irmãos.

A gulosinha é que não tira os olhos de cima da laranja.

Espere mais um pouquinho, Carmen! Ernesto já acaba de descascal-a!

Mas, quando comer os doces gommos que elle vai entregar na sua mão, não engula o bagaço, que lhe póde fazer mal!



?

Uma outra adivinhação
Vai aqui nestas quadrinhas !
Vê lá si é tu que a adivinhas,
E si és mesmo um sabichão !

Mas... antes de começar :
Meu mais ardente desejo
E' que a mestra dê um beijo
No que primeiro acertar !

...Dia e noite ELLE trabalha...
E que bom trabalhador !
Desde cedo ao sol se pôr,
Como um ferreiro, assim malha,

Sem parar:—Tic-tá ...! tic-tá !...
Ao vir o Sol despontando,
Da parede, onde ELLE está
A todos nos despertando

Com seu grosso vozeirão,
Nos diz assim: dão!... dão!... dão!...
Como p'ra nos avisar
Que é hora de levantar!

E' bom, é muito extremoso
Com quem não é preguiçoso
E sabe attendel-o em tudo!
Pois não deixa de avisar
Quando é a hora do jantar,
Ou quando é a hora do estudo!

Quem será esse amigo tão constante
Que os deveres nos lembra a todo o instante?



I

E' meia-noute!

O senhor Generoso ceia em seu quarto com um amigo.

Para se divertirem á custa do creado, que é muito ignorante, e, por isso, acredita em assombrações, combinaram metter-lhe medo inventando as mais exaggeradas historias de almas do outro mundo!

O senhor Generoso, piscando maliciosamente os olhos, começou então assim:

—Não te rias, amigo! Eu já fui assombrado por um phantasma! Imagina que uma vez eu voltava para casa, quando, de repente, veio ao meu encontro um sujeito assim da altura de uma casa, embrulhado em um lençól enorme! Seus olhos eram dous carvões accesos! Sua bocca, de tão grande, não sei a que compare! Quando andava, os ossos todos lhe rangiam como uma chave dando volta á fechadura! Uma cousa horrivel, emfim! Confesso que tive medo!

O creado não perdia uma só palavra do que dizia o senhor Generoso.

Um frio horrível lhe corria pela espinha, pondo-lhe em pé os cabellos!

Começou então a olhar para todos os lados, tremendo assustado!

II

De repente, ouviu-se um gemido em baixo da cama!

O creado soltou um grito agudissimo, benzendo-se todo, e exclamando:

—Eu te esconjuro, alma penada! Eu te esconjuro! Credo!

Emquanto o José tremia como varas ver-



des, o senhor Generoso e o amigo foram verificar a causa do gemido.

A' luz do lampeão, pou-sado no soa-

lho, viram surgir, debaixo da cama, uma cara muito exquisita, que ria, ria perdidamente!

—Oh! parece uma onça!

—Não é onça, não, meu amo! Fuja, faça o signal da cruz, que é a alma do diabo que

está ahí ! Credo ! exclamou o José com voz tremula.

—Então, vamos mandar esta alma para a cadêa ! Anda, José, vai chamar um soldado.

III

José sahiu correndo, satisfeito por vêr-se livre daquelle quarto assombrado !

Chegou o soldado.

Elle, que não acreditava sinão em almas *deste mundo*, aproximou-se logo da cama.

—Em nome da lei, disse, saia quem ahí está escondido !

De sob a cama sahiu então um homem maltrapilho, rindo como um louco !

Ninguem mais pôde conter-se sério !

O senhor Generoso e o amigo riam a bandeiras despregadas !

Ria-se da mesma fórma o soldado !



Só o José não teve vontade de rir, dominado ainda pelo susto.

IV

Lá se vai agora o pobre louco para o quar-



tel, não como um preso, coitado! mas, para dormir mais agasalhado sobre uma cama confortavel.

Vai rindo ainda do susto

por que, sem querer, fez passar ao supersticioso José!



I

O sr. Anacleto e o sr. Pechincha são dous velhitos ricos e desoccupados, e, por isso mesmo, muito curiosos.

Tão curiosos que, por vezes, se tornavam importunos, e até *cacetes*, como se diz.

Ora, o sr. Fernandes, rapaz pobre, que vivia exclusivamente do seu trabalho de pintor, não podendo soffrer por mais tempo os prejuizos que lhe davam as importunações delles, decidiu-se a corrigir-lhes aquella irritante curiosidade na primeira occasião opportuna.

O peixe morre pela bocca!—lá diz o povo, em sua sabedoria.

Pois havia de ser pelo nariz que os curiosos velhinhos teriam de receber a lição,—pelo nariz, sim, que era justamente o pedaço delles que primeiro apparecia em toda a parte!

E dito e feito!

II

Estava um dia o sr. Fernandes a pintar um quadro a oleo.

Embebido no seu trabalho, mal tinha começado a pintura da tela, quando ouve inopi-

nadamente, de ambos os lados, estas exclamações :

—Magnifico ! Soberbo ! Lindissimo !



Eram os dous velhinhos, que alli já estavam para importunal-o !

Imaginem o desespero que se apossou do sr. Fernandes !

O trabalho era urgente !

Disfarçando, porém, a sua contrariedade, o pobre pintor sorriu-se, dizendo :

—Ah! sim; vai ficar um quadro lindo ! Olhem ; esta montanha vai ficar deste geito...

E, dando uma larga pincelada, a todo o comprimento do braço direito, passou o pincel pelo nariz e bochechas do sr. Anacleto, deixando-os vermelhos...



III

O sr. Pechincha, ao vêr o seu amigo com aquella comica mascara de tinta, não pôde reter o riso, que lhe abalou até as tripas!

Ria, ria a não poder conter-se!

Emquanto elle ria, o sr. Fernandes, que ainda não tinha mostrado o tamanho todo da montanha, passou o pincel para a mão esquerda, e deu para esse lado nova pincelada,

maior que a primeira, indo empastar nariz, bocca e rosto do sr. Pechincha!



Agora, coube ao sr. Anacleto a vez de rir.

E riu-se tanto do companheiro que as pernas se lhe bambearam, quasi fazendo-o sentar-se...

Mas, a lição foi proveitosa.

Dalli foram lavar-se, não mais voltando a importunar o sr. Fernandes.

VOLTANDO um dia da escola
Vinha o Janjão a scismar :
Quem não quizer trabalhar,
Só o pão comerá da esmola!

«Não trabalham passarinhos,
Arvores, flôres, insectos ?
Não estão sempre irrequictos,
Moirejando, os carneirinhos ?!

Immerso em tal reflexão,
Distrahido, olhou p'ra a mão!

O dedinho pollegar
Ajudava ao indicador
Uma pétala arrancar
Da corólla de uma flôr!

O mindinho e o annular,
Bem assim o dedo médio,
Mettendo-se de intermédio,
Não deixavam de ajudar!

Notando isto, Janjão,
Emquanto em casa entrava,
Em tudo que o cercava
Prestou mais attenção!

Desde o tecto ao soalho
Viu traços do Trabalho !

Viu a mão do carpinteiro,
Viu a mão do serrador,
Viu a mão do marceneiro,
Do pedreiro, do pintor...

Ah ! em tudo estava escripto
O fructo honrado e bemdito
Do labor !

Em toda a parte, sensível,
O vestigio inextinguível
Do suor !

Mudo, perplexo, Janjão
Fez comsigo esta oração :

< Bem haja o ser que trabalha,
Para angariar seu pão !
Que o bom Deus sempre lhe valha
Com segura protecção !

QUE felicidade foi a do Alfredinho!

Quem saber o que lhe aconteceu pelo Natal?

Como seus paes eram muito pobres, nada tinham para lhe dar nesse dia, como fazem os paes ricos aos seus filhinhos.

Não obstante, Alfredinho não duvidou um só momento de que receberia tambem o seu presente.

Dormiu, pois, alegremente a noite toda, na doce esperança de encontrar, quando acordasse, no sapatinho, que deixára pendurado á janella, um brinquedo qualquer.

E dito e feito!

Um grito de alegria resoou na manhã do dia seguinte, apenas Alfredinho acabou de despendurar o sapatinho!

Seus paes, Magdalena e Corina acudiram correndo, e oh! surpresa! viram aninhados, dentro d'elle, dous passaritos, que alli se tinham abrigado do sereno da noute!



Que bondoso devia ser o menino Jesus, e como devia amar Alfredinho, para lhe dar um presente que tanto lhe alegrava o coração!

Alfredinho aqueceu então os passaritos o melhor que pôde de encontro ao seio, deulhes de comer, e logo que os viu reanimados, restitui-os á liberdade.

Da janella, onde se ficou sorrindo de contentamento, ouviu-os ainda cantar no ramo de uma arvore proxima, onde elles foram pousar!

Agora, Magdalena calça-lhe o sapatinho feliz!





MINHA CASA NATAL

(IMITAÇÃO)

Que a sorte mais liberal
 Me dê gôsos e opulencia!
 Sempre eu sentirei a ausencia
 Do humilde tecto natal!

Na vida tudo desfaz-se!
 Mas, nada ha que dure tanto
 Como o adoravel encanto
 Do logar onde se nasce!

Luz! Que me afastes de ti!
 Dôr! Que os meus risos desterras!
 Mas, nunca as portas me cerres
 Lar bemdito onde nasci!

TIA Joanninha deixou Lenita e Nenê brincando muito alegriinhos na cadeira de braços.



Brincaram durante quasi uma hora.

Afinal, Nenê começou a abrir a boquinha e a esfregar os olhos...

Depois, encostou a loura cabecita ao travesseiro, e dormiu um somno profundo.

—Nenê! Nenê! chamou ainda Lenita, puxando levemente pelo seu bracinho.

Vendo que elle não acordava, recostou-se tambem ao espaldar de velludo.

O silencio que reinava, e o suave calor do estofo fizeram que o somno lhe fosse tambem pesando pouco a pouco nas palpebras...

Fez esforços para não dormir!

A principio conseguiu reagir um pouco! Mas, passados cinco minutos, sua cabecinha foi escorregando, escorregando, devagarinho, até ficar juntinha á do irmão...

Agora o anjo do lar, a boa mãe, que se approximou pé por pé do ninho onde repousavam seus queridos filhinhos, os envolve em um olhar caricioso como um beijo!

HA no mundo uma só pessoa que sabe suavisar todas as nossas dôres; que sabe alegrar todas as nossas tristezas: é nossa mãe.

Deus nol-a deu para que o nosso coração tivesse o mais doce dos balsamos: o balsamo dos seus beijos!

Deus nol-a deu para que, ao abrirmos os nossos olhos, encontrássemos junto ao nosso berço o quadro mais bello do mundo: o sorriso dos seus labios!

Deus nol-a deu para que a primeira oração que lhe enviássemos, a Elle subisse nas azas de seu amor puro e sem igual!

Somos virtuosos? Somos justos? Somos caridosos?

Foram seus beijos, purificados pelos seus divinos olhares, que para isso prepararam a nossa alma!

Quando sentimos um bom impulso no coração; quando enchugamos uma lagrima; quando soccorremos uma desgraça; quando repartimos o nosso pão com os que têm fome—é ainda uma recordação de nossa mãe que nos inspira,

de nossa mãe, sim, cuja sombra querida nos acompanha sempre, velando pela nossa alma, como um carinhoso anjo que não nos desampara nunca!

Oh! bondosas mães, quanta gratidão nós vos devemos!





(*) Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Cahia mansa a noite; e andorinhas, aos pares,
Cruzavam-se, voando, em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, allumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus, que está no azul do firmamento,
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão!
Por todos eu orava e por todos pedia.
O meu coração puro, immaculado e santo,
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria—o orvalho do seu pranto,
E para todo o crime—o seu perdão de Pae!

...Minha mãe faltou-me inda eu era pequenino;
Mas, da sua piedade, o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira!

(*) Guerra de 1890

POBRE Jupiter!

Dous ladrões mal encarados roubaram-no da casa de tio Ricardo, e o prenderam por uma das patas!



Que saudades elle sente agora de sua terna amiguinha, a boa Margarida!

Vêde como está triste!

Não desesperes, Jupiter, has de voltar ainda para a sua companhia; pois,

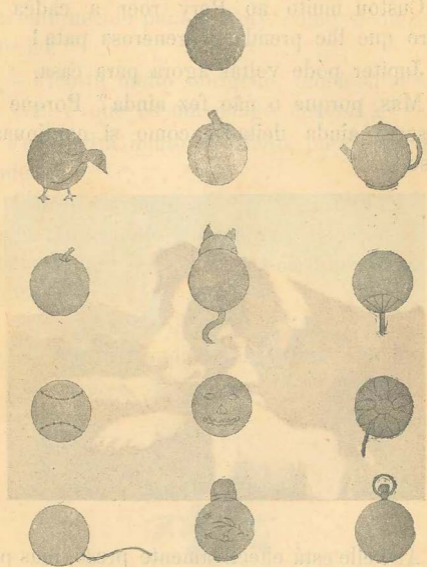
Quem ama e pratica o bem,
De outrem o terá também!

Protegeste a Oncinha, quando perseguida pelos dous canitos; mereces tambem que alguém te proteja!

E o teu protector será o bom Pery, que, em breve, te restituirá ao teu lar e á tua querida amiguinha.



(PARA SER COPIADO)



LIVRE! Livre! Jupiter está livre, enfim. Custou muito ao Pery roer a cadêa de couro que lhe prendia a generosa pata!

Jupiter pôde voltar agora para casa.

Mas, porque o não fez ainda? Porque se conserva ainda deitado, como si continuasse preso!



Ah! elle está effectivamente preso, mas pelo coração, pela gratidão!

Deseja gosar por alguns instantes ainda da companhia de tão dedicado amigo!

A expressão de sua physionomia mudou também inteiramente.

Jupiter agora está radiante de alegria, e olha enternecido para o Pery, como si quizesse dizer-lhe :

—Fico-te muito obrigado, bondoso Pery ! Tu, sim, é que és um amigo devéras !

Pery ladra muito satisfeito, parecendo responder :

—Merecias mais do que isto, Jupiter, tu, que és tão valente e generoso. E é por seres valente, e, principalmente, generoso, que eu te estimo tanto !

Mas, é preciso que Jupiter volte logo para casa. Margarida anda afflicta á sua procura.

Vai, Jupiter, vai socegar a tua amiga !



ESTA é a chacara do tio Ricardo.



E' tempo de colheita.

Os ceifadores cortam o trigo, cantando alegres cantigas.

Abençoado seja o trigo, o bello trigo louro, de que se fazem os saborosos pãesinhos, que todas as manhãs o padeiro traz á nossa casa!

Abençoadas tambem sejam as calejadas mãos que o plantam, que o colhem, que o móem, que o amassam, e que o cosem ao insupportavel calor dos grandes fornos!

Na chacara de tio Ricardo ha outras plantações além do doirado trigo!

Ha o milho, o arroz, a canna, o café e outras, e outras.

Trigo e milho! Oh! plantas generosas!

Quem planta trigo e milho, tem a abundancia em casa!

Tem a gallinha appetitosa; tem os ovos fresquinhos: tem o porco gordo; tem o leite perfumado; tem a carne sadia e gostosa!

Vêde este rebanho que vai subindo a estrada!

Como estão gordas todas ovelhinhas!

Quem será o pastor dellas, que não o vejo?

Ah! é o Bentinho. Lá está elle, deitado de barriga ao chão, bebendo da agua fresquinha do regato.

O Colombo, o seu bello cão de guarda, espera-o para regressarem juntinhos para casa!

CANÇÃO

(ADAPTADA)

Agita-se o povo, revolve-se o lar
Ao som do clarim que nos ares perpassa;
Saem todos á rua, p'ra vêr desfilar
A tropa que passa!

Os sinos repicam na torre velhinha!
Emquanto a corneta os écos trespassa,
Na sombra da estrada, marchando, caminha
A tropa que passa!

As moças, chorando; e os ricos, os plebeus,
E as mães, as irmãs,—da janella, á luz baça,
Acenam os lenços, num ultimo adeus,
A' tropa que passa!

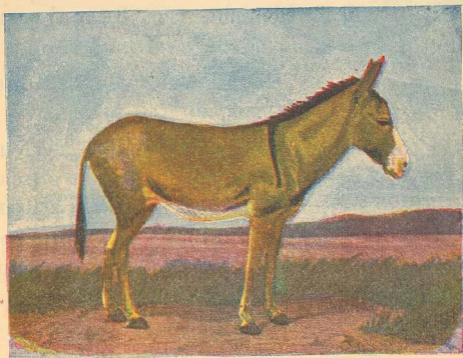
Curvados, os velhos, a fronte ostentando
Coberta da neve, que a idade entrelaça,
A's portas assomam, sorrindo ou chorando,
A' tropa que passa!

E os bellos soldados, tão jovens, marchando,
Abafam a magua que os peitos lhes cerra!
Algum chora ainda... Talvez vai pensando
Nas dôres da guerra!

PINHÃO! Pinhão!

Chama-se Pinhão este bello jumento.

Bentinho poz-lhe este nome por causa do seu pello, que é côr de pinhão.



Como é mesmo que te chamas, jumentinho?

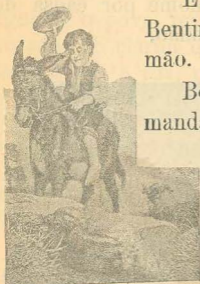
—Hin-han! hin-han!

Ouviram? Parece que elle tambem sabe dizer que se chama Pinhão!

Que bonita é a risca que lhe contorna o pescoço!

Parece feita a pincel!

Mas, porque será que Pinhão parou de comer?



E' que está vendo chegar o Bentinho, que traz um freio na mão.

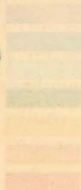
Bentinho vem buscal-o, a mandado de tio Ricardo.

Pinhão nunca foge quando vão pegal-o.

Por isso, Bentinho, em um minuto poz-lhe o freio na bocca, saltou-lhe em cima; e volta agora a galope para casa, seguido de Colombo, que corre alegre e satisfeito, pelo capim orvalhado.



(PARA SER COPIADO)



QUANDO uma nuvem se desfaz em chuva, e o sol está pouco acima do horizonte, apparece no céo um arco luminoso, composto de sete côres.

E' o arco-iris, chamado tambem arco da alliança ou arco-da-velha.

Esta estampa representa um lindo arco-iris,



São as seguintes as côres que o compõem:

- | | | |
|----|------------|---|
| 1. | Violeta |  |
| 2. | Anil |  |
| 3. | Azul |  |
| 4. | Verde |  |
| 5. | Amarello |  |
| 6. | Alaranjado |  |
| 7. | Vermelho |  |

Cousa admiravel! Apenas tres côres—amarello, vermelho e azul—formam todas as outras.

Pessoas ignorantes inventam a respeito do arco-iris uma porção de cousas despropositadas!

Dizem umas que o bello arco de luz é um monstro que, levado pela sêde, se inclina para a terra, afim de desalterar-se na agua dos rios, engulindo tambem crianças e animaes que se achem perto!

Outras dizem que é um signal pelo qual Deus avisa aos homens que vai cessar a chuva!

Tambem, só ignorantes é que pôdem dar credito a taes invenções!

E arco-iris, na realidade, é apenas um effeito do reflexo da luz solar.

Só é visivel para quem esteja collocado de costa para o Sol, e de frente para a nuvem que se desfaz em chuva.

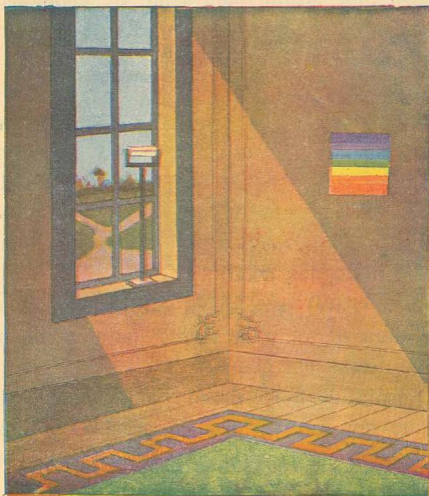
Demais, qualquer pessoa pôde, com o auxilio de um vidro cheio de arestas, produzir tambem um pequenino arco-iris, no chão ou na parede!

O vidro, como as gottasinhas de chuva, tem o poder de decompôr a luz branca do sol em suas sete côres componentes.

Nesta estampa pôde-se observar o que dissemos.

A' janella está collocado, e exposto á luz do sol, um prisma de vidro.

Eis o que aconteceu.



O prisma separou as sete côres, de que é formada a luz branca do sol, e as reflecte na parede.

Está, pois, formado, na parede, um pequenino arco-iris, perfeitamente semelhante ao grande, que surge no céu, feito pelas gottas de chuva.

Ahi está o tal monstro que bebe agua nos rios, e engole crianças e animaes !



COMO o absurdo de ser um monstro o arco-iris, ha muitos outros que ninguem deve acreditar.

Essas historias de almas do outro mundo, sacís, lobis-homens, feitiçarias e outras tolices que taes, são puras invenções de cerebros ignorantes!

Que o diga a senhora Maria, que nem ao menos sabia lêr e escrever!

Por ser muito ignorante é que uma noute apanhou um susto, que a poz de cama durante oito dias.

O caso passou-se assim:

Voltava ella, á noutinha, de casa de uma amiga.

Como era muito medrosa, vinha pensando em assombrações e phantasmas.

Qualquer sombra, qualquer ruido, fazia-a logo olhar muito assustada para os lados e para trás, exclamando:

—São Braz me acuda! Nossa Senhora me proteja!

De uma vez que se voltou, viu surgir uma enorme sombra na curvatura do caminho!

—Credo! Esconjuro! exclamou toda tremula.

E, sem poder conter-se, soltou um grito agudissimo, e poz-se a correr, a toda a força das pernas, pela ladeira abaixo.



Imaginava-se já perseguida pela alma de algum elephante, morto na Africa!

E que era o tal phantasma?

Era um pobre italiano, com um violoncello ás costas!

Debalde gritava o homem, quasi implorando:

—Não se assuste, senhora Maria! Olhe que sou eu!



Mas, a senhora Maria, desatinada, corria mais depressa ainda, julgando que a alma do elephante a chamava para devoral-a toda inteirinha!

Só parou, quando chegou á porta de sua casa.

Estava esbaforida, arquejante!

Interrogaram-na. Quando pôde emfim falar, jurava por todos os santos do Evangelho que tinha sido perseguida por um phantasma, que lhe dizia, com uma voz grossa, que parecia sahir da profundeza da terra:

—Dá-me a tua alma, mulher, que eu della preciso para salvação da minha!



(PARA SER COPIADO)





SÃO colonas as duas moças, que se vêm no bello quadro desta pagina.

Eram viúvas e pobres. Emigraram de sua amada Patria para virem tirar do generoso solo do Brasil o pão que as sustentasse a si e aos queridos filhinhos.

A' força de economia, a poder de coragem e trabalho, conseguiram um dia comprar esse pedaço de terra, onde mandaram edificar a sua morada.

Nesse tempo era apenas um campo inculto, cheios de espinhos e formigueiros.

O arado retalhou o campo em todos os sentidos.

Depois, semearam e plantaram; e a terra, como si fosse uma fada carinhosa e grata, que gosta de recompensar o esforço de quem trabalha, fez rebentar, de seu seio fecundo, flôres e fructos, que alegraram e deram a abundancia ao lar das duas corajosas moças!

Os filhos cresceram fortes, honrados, trabalhadores.

Um delles estava na Italia, estudando agricultura.

E é delle, justamente, a carta que ambas estão lendo, cheias de alegria. Annuncia a sua volta para aquelle pequeno paraíso, em que, pelo trabalho, se transformou o campo inculto de outr'ora, cheio de espinhos e formigueiros!



O gatinho, o canito, as gallinhas, os carneirinhos, todos, todos os animaes domesticos, enfim, gostam muito de Cordelia.

Os carneirinhos até, quando ella sae a passeiar pelo campo, vêm alegres lamber-lhe as gordinhas mãos!

—Porque será isso, tio Ricardo? perguntaram um dia, admiradas, as crianças.

Tio Ricardo, em vez de responder logo, perguntou-lhes :

—Que fariam vocês, si uma pessoa qualquer os maltratasse ?

—Eu fugiria sempre della !

—Eu não a estimaria !

—Pois ahí está ! Os animaes tambem fogem de vocês, e não os estimam, pela simples razão de não os tratarem vocês com o carinho que deviam !

Cordelia trata-os porém, com duçura e bondade ; e os animaezinhos—porque amor com amor se paga—mostram-se tambem dóceis e bons para com ella.

Eis ahí: não póde haver razão mais simples !



A ESMOLA

(ADAPTADA, DE F. G. DE AMORIM)

Meus filhos, quando ouvirdes algum pobre
Pedindo esmola pelo amor de Deus,
Sabei que aos vossos olhos se descobre
Um que póde valer-vos lá nos céos !...

Si não tiverdes mais que o necessario,
Dae-lhe parte do vosso proprio pão ;
Não o deixeis, na via do Calvario,
Recordar-vos o amor de Deus em vão.

A estas horas, centos de erianças
Vagueiam pelas ruas a chorar,
Sem vestidos, sem pão, sem esperanças,
Sem pae nem mãe, que os possam consolar !

E vós ? Tendes vestidos e comida,
Quasi em tudo as caricias maternas !...
A curta historia que sabeis da vida
Resume-se na escola onde estudaes !

Boas crianças, a melhor virtude
E' a que enxuga o pranto do infeliz !
Nunca imiteis o egoismo rude
De quem não vale ao pobre e inda o maldiz !

E' a esmola um emprestimo divino !
Dae, pelo amor de Deus, meus filhos, dae !
E, de quantas lições eu vos ensino,
Esta, mais do que todas, recordae !

FIM

BIBLIOTECA NACIONAL
BIBLIOTECA NACIONAL DE MAESTROS

